

**Al-
Qaeda**

Jason Burke

AL- Qaeda

**A VERDADEIRA HISTÓRIA DO
RADICALISMO ISLÂMICO**

Tradução:
CARLOS ALBERTO MEDEIROS



ZAHAR
Jorge Zahar Editor
Rio de Janeiro

Em memória de Samuel Burke e Sidney Marks
Em memória das vítimas do terrorismo e da guerra contra o terrorismo

Título original:
Al-Qaeda
(*The True Story of Radical Islam*)

Tradução autorizada da edição inglesa
publicada em 2004 por I.B. Tauris & Co. Ltd.,
de Londres, Inglaterra

Copyright © 2003, 2004, Jason Burke

Published by arrangement with I.B. Tauris & Co. Ltd., London

Copyright da edição brasileira © 2007:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Projeto gráfico e composição: Printmark Marketing Editorial
Capa: Sérgio Campante
Ilustração da capa: © Corbis Sygma/Latinstock

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

B973a Burke, Jason
Al-Qaeda: a verdadeira história do radicalismo islâmico / Jason Burke; tradução,
Carlos Alberto Medeiros. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

Tradução de: Al-Qaeda: (The true story of radical islam)
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-378-0026-3

il.

1. Al-Qaeda (Organização). 2. Atentado terrorista de 11 de setembro de 2001.
3. Terrorismo – Aspectos religiosos – Islâmismo. 4. Terroristas – Países islâmicos. I. Título.

07-2521

CDD: 303.6250917671
CDU: 316.485.26(53)

منهجية ك

Sumário

<i>Lista de ilustrações</i>	7
<i>Mapas</i>	10
Introdução	13
1. O que é a Al-Qaeda?	21
2. O 11 de Setembro, terror e Islã	40
3. Radicais	59
4. <i>Mujahidin</i>	73
5. Heróis	89
6. Militantes	103
7. Terror	116
8. À procura	131
9. Em casa	150
10. Fuga	157
11. Luta	172
12. Jihad global	191
13. O complô do milênio	208
14. Fundação guerra santa	223
15. O 11 de Setembro	242
16. A guerra contra o terror	260
Conclusão	285
<i>Notas</i>	299
<i>Glossário</i>	330
<i>Militantes e líderes radicais</i>	333
<i>Bibliografia selecionada</i>	340
<i>Agradecimentos</i>	344
<i>Índice onomástico</i>	346



Introdução

A SOMBRA DO TERROR

Os combatentes voltaram no meio da noite. As armas e munições penduradas nos ombros refletiam o brilho vermelho fosco produzido pelos restos da fogueira. Os homens que dormiam na sala trocaram de lugar para que os recém-chegados pudessem se sentar perto do fogo. Lá fora estava suficientemente frio para que se formasse gelo em qualquer lugar em que houvesse água parada.

Durante o dia, dois homens foram feitos prisioneiros e vários outros, mortos ou feridos. Os combatentes não falavam muito. Um deles limpava e verificava uma metralhadora leve que tinha sido capturada, enquanto outros comiam os restos de uma galinha magra transformada em ensopado horas atrás. Eram três da manhã, e todo mundo sabia que, pelo menos se prevalecesse a rotina estabelecida nos dias anteriores, o bombardeio não começaria antes de três ou quatro horas. Agora era hora de dormir.

Durante todo o dia e por boa parte da noite, os B-52 estiveram sobre nossas cabeças. Tínhamos visto suas típicas linhas quádruplas de fumaça formando linhas retas desde o norte na direção de seus alvos. Eles faziam uma curva abrupta para o oeste e nós víamos grandes faixas de fumaça, poeira, pedras e chamas nos terrenos inclinados acima do lugar em que estávamos. Mais ou menos um segundo depois, o barulho e o jato de ar nos alcançavam, sacudindo nossas roupas.

Mas agora não havia barulho. Os combatentes dormiam, comiam ou conversavam em voz baixa. Na sala ao lado, onde os comandantes estavam sentados no chão bebendo chá e cochilando, de um rádio sobre o piso sujo ouviam-se conversas em meio aos ruídos de interferência.

Quando me levantei, três horas depois, todos os homens na sala estavam acordados, a maioria de pé. Já tinham comido e guardado um pouco de pão seco para mais tarde e pendurado no pescoço cartuchos de balas para a metralhadora leve capturada. Enrolaram os cobertores no fino *shalwar kameez**, puseram as alças de suas kalashnikovs nos ombros, encheram os bolsos e as faixas improvisadas com pentes de balas e, falando em voz baixa, abafada e dura, saíram para o frio. Muitos de seus cobertores, comprados nos bazares da cidade de Jalalabad, a mais de 40 quilômetros de distância, tinham sido importados do Irã e eram de um verde e rosa brilhantes, cobertos de grandes flores douradas. Após algumas risadas inesperadas que vinham ocasionalmente, os homens, com os cobertores ainda enrolados sobre as roupas finas, caminharam em pequenos grupos para as picapes que os conduziriam às posições de combate.

O céu começara a clarear e os homens em longas filas agora marchavam por caminhos estreitos ao longo da montanha em direção aos declives íngremes, escuros e arborizados que se erguiam perto dos cumes cobertos de neve. Ao norte, atrás de nós, ficavam a cidade de Jalalabad e o deserto cor de barro que a circunda. Faixas de neblina flutuavam sobre as terras irrigadas em torno do rio Cabul. Passado o rio, o solo se enrugava numa série de vales, penhascos e platôs secos até outra longa e baixa fileira de cumes cobertos pela neve. Eu ouvia o duplo ou triplo estampido dos grandes canhões antiaéreos soviéticos de 20 anos atrás que os *mujahidin* estavam usando como armas de apoio terrestre.

E então, bem no alto, sobre as montanhas ao norte, traçando linhas brancas certas no céu pálido, tal como um cortador de aço atravessando o vidro, pude ver o primeiro conjunto de trilhas quádruplas de vapor dos B-52 daquele dia. Quando apareceram, as trilhas eram brancas contra o céu da madrugada. Mas os raios do sol da manhã, embora ainda não tivessem atingido os cumes das montanhas, se dispunham no céu formando ângulos oblíquos como se fossem holofotes de busca, e quando atingiram as trilhas de vapor, a uma altitude de três mil metros, transformaram-nas num rosa tão vivo e brilhante quanto as flores impressas nos cobertores enrolados sobre os ombros magros dos soldados. As trilhas eram mais grossas na direção das

* Vestimenta tradicional do Afeganistão. (N.E.)

montanhas e depois desapareciam elegantemente no oeste. E então surgiam as chamas alaranjadas e a fumaça oleosa, escura, indistinguível à meia-luz, como se estivesse sendo vista por meio de uma cortina engordurada. O barulho chegava rugindo sobre as colinas.

Os norte-americanos tinham começado a bombardear as cavernas, num dos picos das montanhas Spin Ghar, a menos de 16 quilômetros da fronteira com o Paquistão, em 30 de novembro de 2001. Tais montanhas eram conhecidas pelo povo local como Tora Bora. Dezesete dias antes, os talibãs e seus aliados árabes e paquistaneses saíram de Cabul, e as tropas da Aliança do norte avançaram pelas planícies Shomali para entrar na cidade que tinham abandonado há pouco mais de cinco anos. Com um grupo de *mujahidin*, eu consegui me infiltrar pela fronteira e cheguei a Jalalabad poucas horas após a cidade ter sido libertada. Dois dias depois, peguei a estrada para Cabul, horas antes de quatro repórteres serem assassinados lá, rodei pelo Gardez e finalmente, quase uma semana mais tarde, cheguei à cidade de Khost, na parte oriental do país, o coração da militância islâmica no Afeganistão. Meus anfitriões, combatentes leais ao déspota militar local, disseram que eu era o primeiro ocidental a aparecer por lá nos últimos cinco anos.

Nas semanas seguintes, aviões militares norte-americanos percorreram o Afeganistão, recolhendo combatentes talibãs e da Al-Qaeda que recuavam. A resistência foi mínima. Os talibãs praticamente evaporaram. Os comandantes que tinham se juntado ao movimento quando este varreu o país, entre 1994 e 1998, desertaram tão rapidamente quanto haviam se engajado. No início de dezembro, a cidade deserta de Kandahar, no sul, centro espiritual e administrativo dos talibãs, estava nas mãos de déspotas militares, e o mulá Mohammed Omar, clérigo recluso que chefiava a milícia islâmica radical, era agora um fugitivo.

Osama bin Laden estava em Kandahar quando começaram os ataques aéreos.¹ No início de novembro, ele se mudou para Jalalabad. Pouco antes da queda da cidade, Bin Laden, seus assessores mais próximos e várias centenas de seguidores árabes mudaram-se para as colinas ao sul. A área, conhecida pela população local como o vale Milawa, abrigava a antiga base dos *mujahidin* nas cavernas de Tora Bora.²

A batalha de Tora Bora durou 18 dias. Em terra, combatentes afegãos e pequenos grupos de soldados das forças especiais britânicas e norte-americanas se espremiavam nos declives íngremes salpicados de grandes rochas. A 16 de dezembro, os milicianos afegãos encarregados do ataque às cavernas declararam “vitória”. Uns poucos prisioneiros maltrapilhos, principalmente afegãos pobres ou estúpidos demais para tentarem escapar, foram obrigados a marchar diante da mídia internacional. Bin Laden e seus assessores mais

importantes, o alto comando talibã, juntamente com centenas de outros combatentes da Al-Qaeda, tinham escapado.

Saí de Tora Bora, passei alguns dias em Jalalabad e depois fui para o Paquistão. Cheguei em Londres a tempo para a festa de Natal do jornal.

Para mim, a visão da chuva de bombas de fragmentação* caindo sobre os morros secos afegãos fora profundamente chocante. Embora eu estivesse escrevendo reportagens sobre o Afeganistão, o regime talibã e Bin Laden quase que em tempo integral nos últimos quatro anos, e tivesse coberto conflitos, golpes e desastres naturais por uma década, nada havia me preparado para o que vi. De fato, viver e trabalhar na região por tanto tempo tornaram esse choque ainda mais forte. Ao dirigir meu carro pela pequena e conhecida estrada que leva de Jalalabad ao ponto de fronteira em Torkham, eu estava profundamente perturbado com o que tinha visto. Nos anos que passei entrando e saindo do Afeganistão e do Paquistão, vi execuções e bombardeios, fui alvo de tiros, morteiros e obuses, fiquei sob a mira de armas e quase morri em vários helicópteros. Ouvi pais descreverem as mortes de seus filhos em ataques de mísseis ou nas mãos de bandidos, vi bebês em estágios terminais por doenças causadas pela fome em enfermarias de hospitais imundos e fugi de incontáveis situações de dor e privação. Mas tudo o que testemunhei, embora terrível, parecia fazer sentido. Era, em parte, o que tinha me atraído inicialmente para o Afeganistão. Parecia, de alguma forma, pertencer à essência do lugar. O que vi em Tora Bora não fazia nenhum sentido e eu queria desesperadamente entender como isso havia acontecido.

Estava claro que era impossível explicar o ocorrido simplesmente observando o desenrolar dos fatos no Afeganistão e no Paquistão. Quando comecei a olhar para além da região, logo se tornou muito óbvio que o que acontecera em Tora Bora fora a culminação de um processo histórico gigantesco e complexo. Os homens atingidos pelo bombardeio nos cumes acima de nós eram do Iêmen, do Egito, do Sudão e da Argélia, e também do Sudoeste da Ásia. O motivo do que ocorrera em Tora Bora envolvia suas histórias tanto quanto as dos afegãos.

Eu também desejava responder a outras perguntas. Tal como tantos outros, eu estava com medo. Qual era a natureza da ameaça que agora confrontava minha vida, minha cultura, meus valores, minha segurança

* Do original: *cluster bombs*. Bombas de fragmentação quando explodem projetam submunições como granadas, minas etc. (N.E.)

pessoal e a daqueles a quem amo? Será que eu deveria realmente ter medo de bombas no metrô de Londres, seqüestros em Paris, ataques com gás em Los Angeles ou bombas sujas em Chicago?

Com o passar dos meses, percebi que nenhuma dessas perguntas estava sendo respondida pela miríade de artigos e livros publicados sobre a “guerra contra o terrorismo” e seus supostos alvos. Fiquei cada vez mais preocupado com as concepções equivocadas que estavam ganhando aceitação. Entre elas se destacava a idéia de que Bin Laden liderava uma organização terrorista coesa e estruturada chamada “Al-Qaeda”. Todas as evidências com as quais me deparei em meu próprio trabalho contradiziam essa noção de uma Al-Qaeda como o “império do mal”, tendo à frente uma malévola inteligência superior. Tal idéia era, sem dúvida, reconfortante — destrua o homem e seus fiéis ajudantes e os problemas desaparecerão —, mas claramente equivocada. Como consequência, o debate sobre a continuação da atual “guerra contra o terrorismo” era distorcido. Em vez de examinarem de forma honesta e sensata as raízes do radicalismo islâmico que ressurgia, a discussão das estratégias na guerra contra o terror tinha sido quase inteiramente dominada pelos “especialistas em antiterrorismo”, com sua linguagem de armamento de alta tecnologia, militarismo e erradicação. Isso pode ser útil para tratar o sintoma, mas não consegue, e jamais conseguirá, tratar a doença.

O que há de mais próximo da “Al-Qaeda”, tal como esta é popularmente entendida, existiu por um curto período, entre 1996 e 2001. Sua base ficava no Afeganistão, e o que vi em Tora Bora foram as cenas finais de sua destruição. O que se tem atualmente é um amplo e diversificado movimento de militância islâmica radical. Suas raízes estão fincadas em pelo menos algumas décadas atrás. Alguns de seus elementos podem ser encontrados nos primórdios do Islã. O movimento envolve dezenas de milhares de pessoas, algumas fazem parte de grupos e outras não. Esses grupos se modificam, se deslocam, crescem e desaparecem. De modo semelhante, indivíduos se tornam ativos e depois interrompem seu envolvimento. Outros assumem seu lugar. Esse movimento está crescendo. Osama bin Laden não o criou, da mesma forma que sua morte ou prisão não acabará com ele. Durante todo o período de sua militância, exceto cinco anos (ou provavelmente três), Bin Laden foi um ator coadjuvante no movimento islâmico moderno. Pode ter sido o mais carismático e o mais conhecido, mas havia, e há, e haverá, muitos outros com a determinação e a capacidade de fomentar a violência, assassinar inocentes e espalhar o caos pelo planeta.

Bin Laden e a Al-Qaeda são a frente radical do amplo movimento que é a militância islâmica moderna. Suas queixas são políticas, mas articuladas em

termos religiosos e com referências a uma visão de mundo religiosa. O movimento está enraizado em fatos sociais, econômicos e políticos. Nos últimos 15 anos, dezenas de milhares de jovens muçulmanos do sexo masculino se encaminharam para os campos de treinamento no Afeganistão. Já em 1998, muitos deles nunca tinham ouvido falar em Osama bin Laden. Suas motivações eram diversas, mas profundas e verdadeiras. Eles não foram raptados nem obrigados a viajar em busca da jihad. Da mesma forma, os homens que procuraram a ajuda de Bin Laden, esperando encontrar o auxílio de que necessitavam para concretizar seus sonhos de realizar ações violentas contra o Ocidente, viajaram por motivos que consideravam bons. A fumaça e as trilhas de vapor sobre Tora Bora podem ter sinalizado o fim do Afeganistão como destino favorito de aspirantes a terroristas, mas nada significou em termos de erradicar as razões pelas quais os voluntários desejavam ir para lá.

A ameaça é grave. Trinta anos atrás, uma nova ideologia política islâmica começou a encontrar ressonância entre milhões de jovens, homens e mulheres, ao redor do mundo muçulmano. Essa ideologia era um esforço intelectual sofisticado e genuíno que procurava encontrar uma resposta islâmica para os desafios impostos pelo domínio cultural, econômico e político do Ocidente. Com o passar das décadas, essa ideologia foi alterada, transformando-se em algo diferente. Antes, os ativistas islâmicos pensavam basicamente em tomar o poder ou em mudar a sua própria nação. No programa, havia espaço para a moderação e a conciliação. O movimento abrigava uma enorme multiplicidade de correntes do pensamento político. Havia espaço para os movimentos paroquiais, radicais e conservadores das áreas rurais e para os militantes inteligentes, instruídos e conscientes das cidades. Havia espaço até para os extremistas violentos que viam o mundo como um campo de batalha entre as forças do bem e do mal, da crença e da descrença.

Cada vez mais, porém — e essa é a tendência —, os extremistas não são mais vistos como a “frente utópica”. Em vez disso, são percebidos como os responsáveis pelos padrões muçulmanos. E sua linguagem é agora o discurso dominante no ativismo islâmico moderno. Seu milenarismo depreciado, violento, niilista e irracional se tornou a ideologia-padrão a que aspiram os jovens muçulmanos enraivecidos. Isso é uma tragédia.

Neste livro tento, de alguma forma detalhada, desconstruir a idéia popular da “Al-Qaeda”, analisar Osama bin Laden no contexto do islamismo radical moderno e, até certo ponto, traçar as raízes do movimento. Os dois primeiros capítulos apresentam alguns dos conceitos e idéias que considero importantes para entender o fenômeno da Al-Qaeda. Os Capítulos 3 a 8 delinham o período inicial da vida de Bin Laden e examinam, com alguma

profundidade, os eventos históricos que o formaram e que influenciaram o movimento do qual ele se tornou parte. Segue-se uma análise densa da Al-Qaeda e de suas atividades entre 1996 e 2001. Isso nos permite tirar conclusões, nos capítulos finais, sobre a natureza da ameaça com que hoje nos confrontamos.

Nas semanas seguintes à tragédia do 11 de Setembro, houve um verdadeiro interesse em entender “por quê”. *Por que* “eles” nos odeiam? *Por que* estão preparados para se suicidar? *Por que* uma coisa como essa aconteceu? Essa curiosidade diminuiu e está sendo substituída por outras perguntas: *Como* isso aconteceu? *Quantos* “deles” existem? *Quantos* restam para serem capturados e mortos? Qualquer um que tente “explicar” as raízes da ameaça que agora nos defronta, responder aos “porquês”, descobrir quem são “eles”, arrisca-se a ser descartado como incompetente ou covarde. Perguntar “por quê” é se abrir à acusação de falta de coragem moral para enfrentar a “verdadeira” ameaça e a necessidade de fazê-lo por meio da força e da agressão. Muitos caracterizam essa ameaça, de modo perigoso e equivocado, como se estivesse enraizada num “choque de civilizações”. Essa atitude não apenas favorece os extremistas, mas, ao reduzir a importância das verdadeiras causas, se arrisca a estimular o emprego de táticas contraproducentes. Com este livro, espero reequilibrar a balança. Ao ver as bombas caindo sobre Tora Bora, perguntei *por quê*. Esta é uma tentativa de encontrar algumas respostas.